

## da idade média à contemporaneidade ambientes e musealização

**Sessão 1.** Na última década, assistimos a um aumento exponencial das intervenções arqueológicas em contextos urbanos. O aumento generalizado das preocupações com a defesa dos valores patrimoniais, associado à progressiva disponibilização de instrumentos de ordenamento e planeamento de âmbito municipal, o desenvolvimento de legislação aplicável e a maior eficácia das entidades responsáveis pela tutela do património edificado e arqueológico, conduziu ao desenvolvimento da arqueologia preventiva e à criação de empresas de arqueologia e gabinetes municipais.

O território leste transmontano e duriense não ficou excluído e também aqui têm vindo a ser criadas estruturas municipais ligadas à protecção e divulgação do património, e têm vindo a ser desenvolvidas intervenções importantes. Pretendeu-se com a presente sessão discutir o “estado da arte” face a este conjunto de intervenções, de características muito diversas mas que têm vindo a ocorrer nos diversos centros históricos.

**Sessão 2.** A organização de uma sessão relativo à conservação da natureza, prende-se com a ligação sólida entre arqueologia e o território, mas também pelas semelhanças entre problemáticas relativas à protecção e valorização do património natural e arqueológico.

Debateram-se temas ligados à agricultura, ao ecoturismo, à conservação da natureza, em exemplos sectoriais e concretos, e incluiu-se uma vertente mais teórica e conceptual, relacionada com os meios de protecção e de ordenamento do património.

**Sessão 5.** Os processos de patrimonialização de sítios arqueológicos, na óptica da respectiva musealização, constituem o tema da presente secção, constituída no intuito de rever experiências concretizadas ou em projecto, no território em causa, e simultaneamente contribuir para aprofundar a sua eficácia em termos de fruição pública.



# 04

da idade média à  
contemporaneidade  
ambientes e  
musealização

III congresso  
de arqueologia  
trás-os-montes,  
alto douro  
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque  
Arqueológico  
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE  
COORDENAÇÃO DA  
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA  
OPERACIONAL  
DA REGIÃO CENTRO



Governo da  
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional



# 04

**da idade média à  
contemporaneidade**  
ambientes e  
musealização

**III congresso  
de arqueologia**  
trás-os-montes,  
alto douro  
e beira interior

**actas das sessões**

## índice

- 6 **prefácio**  
António Edmundo
- sessão 1
- 7 **introdução**  
Paulo Dordio e Miguel Rodrigues
- 17 acta 1  
**O urbanismo e a arquitectura do Sabugal Velho (Aldeia Velha, Sabugal). Tentativa de caracterização de uma aldeia fortificada no Riba-Côa dos séculos XII-XIII**  
Marcos Osório
- 26 acta 2  
**A vila de Vinhais: da sua fundação e amuralhamento**  
Armando Redentor
- 35 acta 3  
**O Castelo de Torre de Moncorvo na Idade Média face aos resultados da intervenção de 2001**  
António Chéney
- 43 acta 4  
**Identificação do Fosso da Cerca de Torre de Moncorvo**  
César Guedes
- 49 acta 5  
**Povoamento e organização do território nas regiões de Chaves, Vila Real e Lamego (séc. IX-XIV)**  
Ricardo Teixeira
- 64 acta 6  
**As escavações arqueológicas na área urbana da Vila Velha de Vila Real**  
Lídia Baptista
- 79 acta 7  
**Vestígios materiais da guerra. A destruição da Capela de S. Marcos, em Trancoso, no ano de 1385**  
Maria Antónia Athayde Amaral, Paulo Morgado, Ricarda Moura e António Coelho Rocha
- 90 acta 8  
**Trás-os-Montes e Alto Douro na construção da economia moderna (séculos XV-XVII)**  
Amândio Jorge Morais Barros

## sessão 2

99 **introdução**

Ana Lúcia Berliner

100 acta 9

**Turismo de Natureza e Gestão de Áreas Naturais**

José Manuel Alho

108 acta 10

**Das Áreas Protegidas aos Parques Arqueológicos, uma analogia: o processo de criação, a gestão e os planos de ordenamento**

Fernando Pau-Preto

123 acta 11

**Exemplos da gestão do património natural do PNDI: estratégias de conservação**

Vítor Baptista

## sessão 5

126 **introdução**

Graça Araújo

acta 12

127 **Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa: subsídios para o programa museológico**

António Faustino Carvalho e António Nabais

acta 13

131 **Recuperar a memória da Vila Velha de Vila Real: da investigação à musealização**

Ricardo Teixeira e João Ribeiro da Silva

acta 14

154 **O santuário de São Salvador do Mundo de São João da Pesqueira. Estudo e proposta de valorização patrimonial: I – ARQUEOLOGIA**

J. A. Gonçalves Guimarães

acta 15

161 **A valorização dos povoados proto-históricos. Experiências (Citânia de Briteiros). Ideias para projectos (Senhora do Castelo – Urros)**

Francisco Sande Lemos, Carla Braz Martins e Gonçalo Cruz

acta 16

174 **Um discurso pedagógico para a arte rupestre do Vale do Côa: o processo de criação do Serviço Educativo do PAVC**

Marta Mendes

acta 17 (extra)

181 **El Mapa de Forrester – Aspectos históricos relativos a la navegación del Duero (en los 250 años de la *Região Demarcada do Douro* 1756-2006)**

Emilio Rivas Calvo e Carlos d'Abreu

## ficha técnica

### Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

### Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

### Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

### Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

### Coordenação Científica da Sessão 1 Territórios de Fronteira. Reorganizações seculares (da Baixa Idade Média à Época Contemporânea)

Miguel Rodrigues, Paulo Dordio

### Coordenação Científica da Sessão 2 Património Natural: Como estamos de conservação?

Ana Berliner, Dalila Correia, Jorge Silva

### Coordenação Científica da Sessão 5 Musealizar em arqueologia: Experiências, horizontes, públicos

Graça Araújo

### Autores

Alexandre Matos, Ana Berliner, António Chéney, António Coelho Rocha, António Edmundo, António Faustino Carvalho, António Nabais, Armândio Jorge Morais Barros, Armando Redentor, Carla Braz Martins, Carlos d'Abreu, César Guedes, Dalila Correia, Emilio Rivas Calvo, Fernando Cabral, Fernando Pau-Preto, Francisco Sande Lemos, Gonçalo Cruz, Graça Araújo, J. A. Gonçalves Guimarães, João Muralha, João Ribeiro da Silva, Jorge Silva, José Manuel Alho, Lídia Baptista, Marcos Osório, Maria Antónia Athayde, Marta Mendes, Miguel Rodrigues, Paulo Dordio, Paulo Morgado, Ricarda Moura, Ricardo Teixeira, Sandra Naldinho, Vítor Baptista

### Gestão Editorial

Setepés.Arte

### Revisão de Textos

Sessão 1 Autores

Sessão 2 Dalila Correia e autores

Sessão 5 Graça Araújo

### Design

Gina Ferreira

### Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Leal

### Tiragem

1000 Exemplares

acta 16

## **Um discurso pedagógico para a arte rupestre do Vale do Côa: O processo de criação do Serviço Educativo do PAVC**

Marta Mendes

(Parque Arqueológico do Vale do Côa

Arqueóloga responsável pelas Actividades

Educativas, mmendes.pavc@ipa.min-cultura.

pt)

### **O PAVC e o seu Património**

O Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) é um serviço dependente do Instituto Português de Arqueologia (IPA) do Ministério da Cultura, sediado em Vila Nova de Foz Côa. O PAVC tem por função “gerir, proteger, musealizar e organizar para visita pública os monumentos incluídos na zona especial de protecção do Vale do Côa” (Decreto-Lei n.º 117/97, de 14 de Maio).

Essa área de 200 km<sup>2</sup> abrange todo o curso do Baixo Côa, integrando na sua área grande parte do concelho de Vila Nova de Foz Côa, e pequenas porções dos concelhos da Meda, de Figueira de Castelo Rodrigo e de Pinhel. No seu interior situa-se um importante conjunto de núcleos de arte rupestre, identificados a partir de 1991, durante o processo de construção de uma barragem.

A distribuição dos 28 núcleos de gravuras faz-se ao longo de ambas as margens dos 17 km finais do curso do rio Côa e nos vales afluentes do Douro, junto à foz do Côa. O seu suporte é constituído por superfícies rochosas verticais formadas pela fractura do xisto típico da região. Trata-se de uma arte com características excepcionais, uma vez que testemunha as origens da criação artística humana, durante o Paleolítico superior (entre os 25 e os 10 000 anos antes do presente), tendo sido classificada como Monumento Nacional em 1997 e integrada na Lista de Património Mundial, desde 1998.

Os principais motivos representados são os herbívoros: cavalos, auroques (antepassado selvagem do boi doméstico), cabras e veados. Estes seriam os animais típicos da fauna paleolítica, consistindo a base alimentar dos homens e mulheres durante esta época. Para além destes animais, verifica-se ainda a existência de alguns peixes, símbolos e raras figuras humanas. A técnica artística mais representada é a gravura, existindo apenas um núcleo com vestígios de pintura associada à gravura paleolítica (Baptista, 1999; Carvalho *et al.*, 1996). Para além das gravuras paleolíticas, alguns dos 28 núcleos identificados até ao momento incluem igualmente representações de outros períodos históricos, tais como pinturas do neo-calcolítico (entre 10.000 a 5.000 anos), gravuras da Idade do Ferro (com cerca de 2.500 anos) e ainda outras contemporâneas (da primeira metade do século XX).

Até à descoberta das gravuras do Vale do Côa julgava-se que a arte rupestre paleolítica se circunscrevia ao interior das grutas. A arte preservada no Vale do Côa veio trazer uma nova visão acerca da arte paleolítica. Provavelmente a arte paleolítica ao ar livre era tão ou mais comum que a das grutas, mas por motivos de conservação não chegou até nós, o que acrescenta relevância à arte rupestre do Côa.

Após grande debate nacional (Luís, 2000), o PAVC abriu as suas portas em Agosto de 1996, e tem vindo a desenvolver um trabalho de defesa, estudo e divulgação da arte rupestre, mas também do território envolvente. Neste momento o Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, estrutura fundamental para a contextualização da arte, e que poderá vir a potenciar a atracção turística da região, encontra-se em fase de projecto, que deve estar concluído até finais de 2008.

O PAVC tem vindo a desenvolver um programa de promoção e divulgação deste património, que assenta numa série de acções já realizadas com sucesso, e por isso apostadas na continuidade, outras que se encontram ainda em fase de elaboração, e outras ainda que certamente se apresentarão com o passar do tempo e perante os desafios que se nos forem colocando.

Efectuámos, em termos de comunicação, uma divisão tendo em conta os diferentes públicos-alvo. Por um lado, o público especializado, alvo da divulgação científica, como sejam investigadores e cientistas na área da Arqueologia e Arte Rupestre. Esta terá de ser

suportada pelas investigações em curso, quer sejam feitas através de projectos de entidades exteriores ao PAVC, mas apoiadas por este, quer sejam projectos e investigações feitos por investigadores do PAVC. Esta divulgação é realizada sobretudo através da publicação de artigos científicos e participação em colóquios e congressos. É esta investigação que serve de suporte a toda a divulgação do PAVC.

Por outro lado, individualizou-se o público não especializado, o público que visita durante todo o ano as gravuras, e que, normalmente, é um público leigo em termos de Arqueologia e Arte Rupestre. O PAVC destina o seu serviço de visitas a este público e possui já uma série de produtos ao dispor deste visitante, que visam enriquecer o seu conhecimento sobre o património arqueológico, mas também sobre o património envolvente, cultural, económico e social de toda uma região.

Dentro do público não especializado, salienta-se o grupo mais assíduo e numeroso, o público escolar (cerca de 20%), alvo da divulgação pedagógica. O PAVC actua directamente junto da Escola, ou chama-a até si, num apelo à visita, proporcionando actividades que levem à descoberta e ao conhecimento sobre as primeiras conquistas da Humanidade, introduzindo novas informações, desenvolvendo novas capacidades, gerindo conhecimentos, construindo aprendizagens significativas.

O serviço de visitas do PAVC iniciou-se em Agosto de 1996, com visitas guiadas aos núcleos da Penascosa e da Canada do Inferno, alargadas em 1997 à Ribeira de Piscos. O sistema de visitas delineado, caracteriza-se pelo acolhimento dos visitantes em Centros de Recepção em localidades próximas dos núcleos de arte, Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa e Muxagata, respectivamente. A partir daqui, os visitantes seguem, em grupos de oito, em viaturas todo-o-terreno, acompanhados por um guia através dos caminhos rurais do Parque. Este guia faz uma introdução ao contexto da arte e revela os painéis gravados ao visitante, com o auxílio de fichas explicativas.

Numa perspectiva de diversificação do tipo de as visitas, o PAVC disponibiliza, desde 2005 visitas de barco pelo rio Côa, que inclui a visita a dois núcleos de arte, e ainda visitas nocturnas, que possibilitam uma melhor percepção da arte.

Em virtude de todas as visitas ao PAVC serem guiadas, estas estão sujeitas a marcação prévia. As visitas de barco e nocturnas estão também dependentes de calendarização por parte do Parque por razões de ordem logística.

Qualquer que seja a modalidade escolhida, o visitante é acompanhado por um guia-motorista, que teve a sua formação em diversas áreas, como a arqueologia e arte rupestre, a fauna e a flora ou mesmo as línguas estrangeiras. Formação que proporciona ao visitante o prazer de desfrutar de um património arqueológico de valor incalculável, mas também do seu enquadramento no património natural que o rodeia.

Faltava, para um serviço educativo que já tinha na visita guiada o seu embrião, criar actividades que pudessem servir de apoio ou de complemento na construção de conhecimentos, complemento esse que podia surgir a partir de uma vertente mais lúdica. Moveu-nos, pois, a necessidade de criar um programa ou um plano que contemplasse de forma estruturada, aquilo que até aqui tinha sido um conjunto de actividades realizadas esporadicamente. Só assim consideraremos a existência de um serviço ou sector educativo no PAVC.

O primeiro passo foi reflectir sobre uma série de questões e limitações que se nos impunham, e que respondidas iniciariam a prática pedagógica do PAVC. Entra elas as mais importantes: Que estratégias se irão desenvolver? Necessitamos de formação? Dominamos um circuito de

## **A Criação do Serviço Educativo**

distribuição? Como se pode assegurar a divulgação de forma permanente? Que equipa? Que orçamento? Que sustentabilidade? Que suportes?

Além disso foi necessário também definir a função que a instituição atribui à educação. Esta função tem que estar em consonância com os seus objectivos no que respeita à comunicação. Considerou-se, então, como principal objectivo, torná-la num organismo que permita uma verdadeira aprendizagem, e que assegure que os seus visitantes sejam provenientes de todos os sectores da sociedade, e não só dos tradicionais grupos minoritários. Assegurar que toda a estrutura da nossa instituição se torne parte integrante ou, pelo menos, parte informada dos objectivos e das actividades que se pretendem desenvolver, foi também um importante passo: "...não pode haver um fosso nem entre a retórica e a realidade, nem entre o topo e a base da estrutura do museu, de modo a que os obstáculos sejam removidos e que toda a equipa e investigadores sejam implicados no processo" (Fleming, 2002: 27).

## **1. O Plano de Acção Educativa**

Feita a reflexão e a análise necessárias, passou-se à etapa seguinte, a criação de um Plano de Acção Educativa. Um Plano de Acção é, essencialmente, um documento onde são enunciadas as metas e missão do serviço, os seus objectivos e estratégias/actividades. Os princípios teóricos foram enunciados, e a elaboração de um guião prático de actividades efectuada.

Designámo-lo Plano de Acção Educativa do Parque Arqueológico do Vale do Côa (Quadro 1), com a esperança de estarmos a lançar a primeira pedra para a criação do "edifício" do nosso, muito necessário, serviço educativo, que certamente irá ser alvo de muitos contributos e alterações ao longo do processo.

### **1.1. A Definição do Público-alvo**

Um dos pontos-chave de qualquer Plano de acção consiste em identificar o público-alvo sobre o qual o serviço se irá concentrar.

Na prática, para o PAVC, esta meta é bastante difícil de alcançar, devido à vastidão de abordagens que implica concretizar. Cada tipo de público apresenta necessidades diferenciadas, e exige actividades e metodologias adequadas às mesmas.

Como tal, é hoje do senso comum, nas práticas educativas das instituições culturais, que a selecção de grupos diferenciados deve ter em consideração os seguintes aspectos:

- 1.** A fidelização do público já existente (por ex. público escolar);
- 2.** Investigação, formação, concepção de projectos sustentáveis para alargar o plano a outros grupos sociais;
- 3.** A missão e características físicas da instituição: oficinas para *ateliers*, local de armazenamento de materiais; outros espaços de interesse lúdico-pedagógico;
- 4.** Recursos disponíveis (material de apoio, consumíveis para *workshops* e *ateliers*);
- 5.** A gestão do orçamento;
- 6.** Sustentabilidade.

Na especificação do público-alvo deve ter-se, ainda, em conta:

- 1.** A natureza do património;
- 2.** Desenvolvimento de estratégias que atraiam novos visitantes;
- 3.** Limitações (espaço, orçamento, recursos);

4. Formação da equipa (por ex., nem todos têm formação para trabalhar com pessoas com necessidades especiais, 3ª idade, toxicodependentes, etc.).

Como já foi referido, e tendo em conta os itens acima referenciados, a divisão principal fez-se entre dois tipos público, o especializado e o não especializado. Considerou-se que para os próximos três anos as actividades educativas do PAVC devem ser mais direccionadas para jovens inseridos em visitas escolares, devido às limitações de espaço, à natureza da própria “colecção” e à equipa educativa permanente que ainda está a criar. Também teremos dificuldade, por falta de formação e de acessos, em trabalhar com grupos muito específicos, quer sejam grupos com necessidades especiais ou 3ª idade. No entanto, outras abordagens, além das visitas guiadas, podem ser equacionadas, havendo a necessidade de para isso formar uma equipa e de possuir um espaço físico onde se possa desenvolver as actividades (por exemplo o espaço de um museu).

O PAVC deverá procurar fidelizar este público escolar, mas não deverá descurar a realização de actividades que possam ser desenvolvidas com todos os jovens não inseridos em visita de estudo. Neste caso, por razões de natureza geográfica, dever-se-á ter em atenção os jovens residentes na região envolvente.

O número de visitantes inseridos em visita escolar, não tem, de facto, aumentado, desde a criação do Parque. O programa agora elaborado tem também como objectivo aumentar o número destes visitantes, fazendo com que procurem as actividades do PAVC por serem mais diversificadas e, por isso, poderem ser realizadas mais do que uma vez durante um ano lectivo, ou pelo menos procuradas todos os anos.

### 1.2. A Equipa Educativa

A questão da formação da equipa que colabora nas actividades educativas motivou algumas reflexões da nossa parte, no sentido de integrar colaboradores que, além do interesse demonstrado por este tipo de serviços, possuíssem alguma formação ou experiência nessa área.

Além da responsável pela coordenação do serviço, signatária deste artigo, gostaríamos de integrar definitivamente na equipa educativa, preparando propostas e monitorizando actividades, alguns técnicos do quadro de pessoal do PAVC. Temos para já a colaboração mais directa, mas sempre esporádica, de alguns técnicos cuja função principal é a de guias-motoristas. Desde a criação do Parque que estes profissionais asseguram as visitas guiadas aos núcleos de Arte Rupestre. Neste momento contamos com a sua colaboração na monitorização de algumas actividades educativas propostas para 2005/2007.

As funções a que estão vinculados não permitem, porém, que possamos ter uma equipa educativa a tempo inteiro. Desejando que um dia isso possa acontecer, temos a noção de que não podemos contar a 100% com os seus préstimos neste momento, devido a outras funções profissionais.

### 1.3. A Divulgação

Depois de elaborados os materiais necessários para as actividades, chegámos a um ponto crítico. Como divulgar estas actividades no sentido de chegar ao nosso público-alvo? Foi preciso elaborar, com a voluntariosa ajuda de colaboradores externos ao Parque, um folheto ou panfleto de divulgação. A divulgação do programa de actividades é fundamental para o cumprimento do Plano de Acção. O que fizemos e que surge agora em dois formatos diferentes (fig. 1 e 2).

Fizemos chegar estas informações a todas as Direcções Regionais de Educação, que por sua vez procedem à divulgação institucional junto das escolas. Entretanto, para todas as escolas

que marcam visita, é enviado um fax de confirmação onde segue o folheto e a possibilidade de escolherem algumas destas actividades, colocando uma cruz na pretendida. Não podemos esquecer o facto de termos já disponível *on-line* na nossa página (<http://www.ipa.min-cultura.pt/coa>), um serviço de apoio às visitas escolares com fichas de apoio e o programa de actividades.

Finalmente, uma referência ao papel que o futuro Museu de Arte e Arqueologia que poderá desempenhar no programa de actividades de um serviço educativo. Para além de se destinar um espaço para o desenvolvimento das actividades educativas, algo que neste momento não existe, este museu significará a criação de uma estrutura que possa suportar o aumento da publicidade e da divulgação em relação ao Vale do Côa. Não só permitirá um aumento no número de visitantes, como um melhor aproveitamento da Arte Rupestre, sem pôr em causa a necessidade da sua protecção e conservação. Sem o Museu será certamente mais difícil a concretização dos fins a que se propõe este programa.

## figuras

<b>Plano de Acção Educativa do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) 2005/2007</b>			
As Actividades Educativas do PAVC têm como missão e metas essenciais: valorizar e divulgar o património cultural; aumentar a oferta de propostas de acção educativa para o público em idade escolar; motivar a comunidade escolar local, educadores, professores e famílias, à participação activa nas propostas de acções; proporcionar formação contínua, na área, aos funcionários da instituição.			
<b>Objectivos</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver um conjunto de actividades lúdico-pedagógicas para o público escolar;</li> <li>• Divulgar as actividades de modo a cativar mais visitantes;</li> <li>• Desenvolver propostas de projectos a realizar em colaboração com a comunidade escolar local;</li> <li>• Disponibilizar materiais de apoio de forma a aprofundar o conhecimento do Património do Vale do Côa;</li> <li>• Dar a conhecer o trabalho do Parque Arqueológico;</li> <li>• Dar a conhecer os resultados da investigação sobre a arte rupestre e sobre o modo de vida das Homens que a produziram;</li> <li>• Proporcionar formação aos funcionários.</li> </ul>			
<b>Acção</b>			
<b>Visitas guiadas</b>	<b>Serviço de apoio à visita</b>	<b>Actividades lúdico-pedagógicas</b>	<b>Projectos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visitas para o público em geral orientadas por guias, aos 3 núcleos de arte abertos ao público. Visita em veículo todo-o-terreno com grupos de 8 pessoas. Estas têm uma duração média de 2 horas.</li> <li>• Visita temática para grupos escolares "Vamos aprender com os animais do passado". Visita orientada por guias em veículo todo o terreno com grupos de 8 alunos, ao núcleo da Penascosa. Com Utilização de materiais de apoio. Esta terá uma duração de 2 horas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilidade para orientação pedagógica na preparação de visitas escolares;</li> <li>• Disponibilidade para consultoria pedagógica na preparação de exposições e outras actividades escolares;</li> <li>• Disponibilidade de materiais de apoio à preparação das visitas por parte dos professores (<i>Internet, fax</i>);</li> <li>• Contactos e propostas de trabalho entregues nas escolas locais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Actividades dirigidas ao público escolar, inserido em visita de estudo, ou outros grupos, mediante marcação:</li> </ul> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresentações em PowerPoint com orientação de um técnico, e apresentações para consulta autónoma;</li> <li>2. Jogo didáctico "Descobrir a Pré-História", com orientação de um técnico. Destinado a ocupar o tempo de espera da visita, no centro de recepção, e para levar às escolas, quando solicitado;</li> <li>3. Sessões de contos sobre arte rupestre e os seus autores, para escolas do concelho (1.º ciclo);</li> <li>4. <i>Ateliers</i> de Arqueologia experimental.</li> <li>5. Percurso pedestre, orientado, por Castelo Melhor (<i>Peddypaper</i>).</li> </ol>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projectos para iniciativas esporádicas que possam ter lugar nos espaços do PAVC ou em espaços exteriores à instituição. Tais como colaboração em exposições, congressos ou outro tipo de eventos.</li> <li>• <i>Workshop</i>: "Um lugar para comunicar a arte". Uma oficina de artes, realizada em Dezembro, aberto a todos os públicos. Com sessões orientadas para escolas.</li> </ul>

fig. 2 Brochura das Actividades do PAVC no ano lectivo de 2006-2007.

quadro 1 Plano de Acção Educativa do

# ACTIVIDADES EDUCATIVAS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA (PAVC)




As actividades educativas do PAVC têm como metas essenciais: valorizar e divulgar o património cultural; aumentar a oferta de propostas de acção educativa para o público em idade escolar; motivar a comunidade escolar local, educadores, professores e famílias, à participação activa nas propostas de acção.



## VISITAS PEDAGÓGICAS

### VISITA GERAL

A visita é essencial para dar a conhecer a criatividade dos homens e mulheres da Pré-história, através da arte que é, neste caso, também o reflexo do seu modo de vida. Pretende-se, por isso, proporcionar um momento de conhecimento do artista (o Homem paleolítico), do seu modo de vida e ajudar a descodificar a arte paleolítica.

**SUJEITA A MARCAÇÃO PRÉVIA | PÚBLICO-ALVO: PÚBLICO EM GERAL E ESCOLAR | REALIZAÇÃO: DE 3ª A DOMINGO | ESCOLAS 4ª, 5ª E 6ª S FEIRAS**

### VISITA TEMÁTICA

*Como aprender com os animais do passado?*

Visita alternativa à visita guiada normal, em que a identificação das espécies de animais gravados, e a comparação com as espécies actuais, é a meta essencial. À volta deste tema devemos salientar problemas tão importantes como a biodiversidade e a preservação das espécies. Os paralelos entre comportamentos, habitat e características físicas serão estabelecidos através de imagens e fotos.

**SUJEITA A MARCAÇÃO PRÉVIA | PÚBLICO-ALVO: 2º E 3º CICLOS | REALIZAÇÃO: 4ª, 5ª E 6ª S FEIRAS**

## ACTIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS

### CAÇA E ARQUEOLOGIA

O trabalho do arqueólogo e muitas vezes semelhante ao trabalho do detective. Em forma de apresentação e de conversa, descobriremos mais sobre a arqueologia, uma ciência fascinante.

**SUJEITA A MARCAÇÃO PRÉVIA | PÚBLICO-ALVO: 1º, 2º E 3º CICLOS | REALIZAÇÃO: 3ª A 6ª FEIRA**

### CAÇA E ARQUEOLOGIA DO PASSADO

No Parque Arqueológico não temos só arte rupestre, temos também vestígios da ocupação humana nesta região ao longo do tempo. Que vestígios são esses e como foi possível chegarmos até eles?

**SUJEITA A MARCAÇÃO PRÉVIA | PÚBLICO-ALVO: 3º CICLO E ENSINO SECUNDÁRIO | REALIZAÇÃO: 3ª A 6ª FEIRA**

### JOGO

*Como era a vida?*

Um dado, 6 cores diferentes. Cada cor é um tema, cada tema contém cartões e questões sobre a Arqueologia, a Pré-história em geral e arte rupestre. Pode ser utilizado no Centro de Recepção, pelos grupos antes ou depois da visita. Combina a aprendizagem com momentos de entretenimento.

**PÚBLICO-ALVO: CRIANÇAS DOS 8 AOS 14 ANOS, ALUNOS INSERIDOS EM VISITA ESCOLAR (1º, 2º E 3º CICLOS) E CRIANÇAS INSERIDAS EM VISITA FAMILIAR | REALIZAÇÃO: 3ª A DOMINGO**

## PERCURSO

*«No trilho dos caçadores paleolíticos»*

Pretende-se que esta modalidade seja desenvolvida em torno de uma visita aos locais de habitat Paleolíticos identificados e estudados na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa; aos locais de apoio a tarefas relacionadas com a caça e de exploração dos recursos ao nível das maténias-primas liticas.

**DESTINATÁRIO: PÚBLICO EM GERAL | DURAÇÃO: CERCA DE 1:45 H | N.º MÍNIMO DE PARTICIPANTES: 4 | N.º MÁXIMO DE PARTICIPANTES: 8 | REALIZAÇÃO: 3ª A 6ª FEIRA | SUJEITO A MARCAÇÃO PRÉVIA | PREÇO: A DEFINIR**

## PERCURSO PEDAGÓGICO

*«Como Lupa»*

Um passeio pedestre orientado por um adulto, com o auxílio de uma ficha de orientação. Conhecemos os vestígios do passado distante dos habitantes do período Paleolítico, juntamos-lhes memórias, objectos, casas, pequenos azulejos, varandas, deixados por habitantes de épocas mais próximas de nós e ainda presentes nas memórias e vida dos que habitam a pequena aldeia de Castelo Melhor.

**PÚBLICO-ALVO: 2º E 3º CICLO: JOVENS DOS 10 AOS 14 ANOS INSERIDOS EM VISITA FAMILIAR | REALIZAÇÃO: 3ª A DOMINGO**

*Obs.: Esta actividade pretende ocupar o tempo livre entre visitas. As fichas-guia serão colocadas on-line e no Centro de Recepção de Castelo Melhor. Deve-se ter em atenção o horário marcado das visitas.*

## ATELIER DE ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL

Entre 10 500 e 26 000 anos a.C. o homem de Cro-Magnon, nosso antepassado directo, viveu ao longo do Vale do rio Côa, e em alguns dos principais afluentes.

No Atelier vamos desenvolver algumas modalidades de interpretação do quotidiano desses homens e mulheres. Recriar a produção e utilização de armas de caça, produção de fogo, realização de gravuras em suportes móveis de xisto.

**PÚBLICO-ALVO: ALUNOS DE TODOS OS CICLOS | DURAÇÃO: CERCA DE 1:45 H | N.º MÍNIMO DE PARTICIPANTES: 2/3 | N.º MÁXIMO DE PARTICIPANTES: UMA TURMA | REALIZAÇÃO: 3ª A 6ª FEIRA | SUJEITO A MARCAÇÃO PRÉVIA**

*Obs.: Por impossibilidade, ainda, de um local fixo para a realização deste atelier, numa primeira fase apenas se deslocará, mediante marcação, às escolas da região. Posteriormente, far-se-á nova divulgação.*

## SERVICO DE APOIO PEDAGÓGICO

Três fichas de apoio on-line e disponibilidade de um técnico para contactos e fornecimento de materiais complementares.

Objectivo: Permitir um conhecimento mais detalhado do objecto a visitar, do itinerário e do contexto arqueológico.

**PÚBLICO-ALVO: PROFESSORES | 2ª A 6ª FEIRA**

# PÚBLICO ESCOLAR

# PÚBLICO GERAL E PÚBLICO ESCOLAR

**INFORMAÇÕES RESERVAS**

Parque Arqueológico do Vale do Côa | Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, 19 A 5150-610 Vila Nova de Foz Côa | <http://www.ipa.min-cultura.pt/coa>  
 MARCAÇÃO DE VISITAS | Tel.: 279 768 260 | Fax: 279 768 270 | E-mail: [visitas.pavc@ipa.min-cultura.pt](mailto:visitas.pavc@ipa.min-cultura.pt)  
 OUTRAS ACTIVIDADES E APOIO PEDAGÓGICO | Tel.: 279 768 264 | E-mail: [mmendes.pavc@ipa.min-cultura.pt](mailto:mmendes.pavc@ipa.min-cultura.pt)

fig. 1 Brochura das Actividades do PAVC no ano lectivo de 2005-2006.



Serviço Educativo



fig. 2 Brochura das Actividades do PAVC no ano lectivo de 2006-2007.

## Bibliografia

BAPTISTA, A. M. (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

CARVALHO, A. F.; ZILHÃO, J.; AUBRY, T. (1996) – *Vale do Côa: Arte Rupestre e Pré-História*. Lisboa: PAVC.

DIERKING, L. D. (1996) – *Contemporary Theories of Learning*. In Durbin, Gail (ed.) – *Developing Museum exhibition for Lifelong Learning*. London: Group for Education on Museums, p. 21-24.

FLEMING, D. (2002) – *Política Educativa: Objectivos*. In *Encontro Museus e Educação: Actas (Lisboa, 10 e 11 de Setembro)*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

FONTAL MERILLAS, O. (2003) – *La educación patrimonial: Teoría y práctica en el aula, el museo e internet*. Gijón: Ediciones Trea, S.L.

LUIS, L. (2000) – *Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal. Les Nouvelles de l'Archéologie*. Paris. 82: 4.e trimestre, p. 47-52.

ROSCELLE, J. (1995) – *Learning in Interactive Environments: Prior Knowledge and New Experience*. In FALK, J. H.; DIERKING, L. D. (eds.) – *Public Institutions for Personal Learning: Establishing a Research Agenda*. Washington: American Association of Museums, p. 37-51.

SILVA, S. G. da (2002) – *As vozes e o silêncio: O museu como campo de múltiplas batalhas*. In AMARO, G., coord. – *Actas do Encontro Internacional Educação para os Direitos Humanos*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, p. 467-472.

SILVA, S. G. da (2003) – *Museu e Escola, por uma relação privilegiada*. Revista I Fernão. Lisboa: Escola Secundária Fernão Mendes Pinto. 17, p. 20-25.